

# AUXILIADORA IDÔNEA

*Yokimi Yuaça*

## INTRODUÇÃO

Em abril deste ano escrevi uma monografia com o título *Auxiliadora idônea: considerações sobre a mulher na perspectiva de auxiliadora, com certa ênfase na vida eclesial*. Ali, a perspectiva eclesial era, de fato, apenas "certa ênfase". Neste presente trabalho, a perspectiva é especificamente eclesial e ministerial. Assim como uma mulher que tira do seu guarda-roupa um vestido e faz nele uma reforma, encurtando a barra, colocando certos assessorios, para então vesti-lo com ares de novo, assim escrevi este breve trabalho. Suprimi as partes que não diziam respeito, diretamente, à perspectiva eclesial e ministerial, e incluí outras reflexões a respeito.

É um trabalho bastante pedestre. Algumas aproximações e questões sobre o assunto são resultado de minha própria vivência como mulher que, com temor e tremor, tem procurado ser fiel ao chamado do Senhor, tentando se comprometer com uma comunidade eclesial que ainda possui estruturas fortemente masculinas. Portanto, são questões sentidas na pele, questões que surgiram durante esta caminhada.

Longe de cristalizar minhas opiniões como a última palavra sobre o assunto, gostaria que esta reflexão fosse um sinal de abertura ao diálogo, no qual homens e mulheres pudessem repensar o equilíbrio, tão necessário em nossas famílias e em nossas igrejas, quanto à relação masculino-feminino, a partir da premissa do homem e da mulher como expressões da imagem de Deus. Seria interessante que, a partir de um diálogo produtivo, surgissem mudanças concretas em direção ao companheirismo real entre homens e mulheres, para a edificação do corpo de Cristo.

## 1 - REALIDADES E REALIDADES...

Para definir a diversidade de realidades dentro do Brasil, empregou-se, certa vez, o termo "brasis". Semelhantemente, as denominações evangélicas do ou no Brasil também não se posicionam monoliticamente quanto à participação da mulher na vida da igreja; especialmente, em questões como a possibilidade ou não de ela exercer o pastorado e/ou ser ordenada como qualquer ministro homem.

Algumas denominações já ordenam mulheres. As primeiras denominações que ordenaram mulheres no Brasil foram o Exército de Salvação e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Um documento do Exército de Salvação traz os

seguintes artigos, referentes a igualdade entre os sexos:

1. No Exército de Salvação as mulheres são tão qualificadas quanto os homens para anunciar o evangelho. Uma mulher pode preencher qualquer função, desde a de oficial até a de general.

2. Esse princípio de igualdade dos sexos se justifica não somente pelos textos bíblicos, mas tem sido confirmado através da história do Exército de Salvação pela influência notável deixada pelas mulheres.<sup>1</sup>

Desde seus primórdios no Brasil, com a chegada do casal Davi e Stella Delisle, em maio de 1922, a figura feminina, no Exército de Salvação, faz-se presente ao lado da masculina. Stelle Delisle Miche foi a primeira oficial e a primeira ministra do Exército de Salvação no Brasil.<sup>2</sup>

A Igreja do Evangelho Quadrangular começou a ordenação de mulheres com a evangelista Aimee Semple MacPherson. Mary Williams já era ministra da igreja quando se casou. Posteriormente, seu marido ingressou no seminário da denominação, o qual vinha sendo dirigido por uma mulher, Dorothy Marguerite Hawley. Em 1958, Duncan A. Reily fala em seis ministras ordenadas, trazendo, também, uma estatística interessante:

Nos últimos nove anos, 121 pessoas do sexo masculino e 117 do sexo feminino se formaram no Instituto Bíblico. Hoje a igreja conta com 46 ministras, quase 11% da totalidade do seu ministério ordenado (...) Conclui-se que a Igreja do Evangelho Quadrangular é uma das mais abertas ao ministério pastoral feminino no país.<sup>3</sup>

Foi no Concílio Geral de 1970-71 que a eliminação da distinção de sexos para a ordenação foi efetuada na Igreja Metodista do Brasil. Abertas as portas, Zeni Lima Soares, depois de passar pelo período "probatório", obteve sua ordenação.<sup>4</sup>

Sabendo que os metodistas já ordenavam mulheres, entrei em contato com um colega, na época, seminarista da Igreja Metodista. Este me trouxe uma pequena revista, intitulada Reflexões para mulher metodista.<sup>5</sup> A revista vinha assinada pelos bispos da denominação, e fora destinada ao Encontro Nacional de Mulheres Metodistas, em outubro de 1986. Junto à esta revista, recebi uma lista de endereços de seis pastoras, somente da região correspondente aos estados de

---

1. Duncan A. REILY, *História documental do protestantismo* (São Paulo: ASTE, 1984, 1. ed.), p. 395-410.

2. *Idem, Ibidem*, p. 397.

3. *Idem, ibidem*, p. 401-02.

4. *Idem, Ibidem*, p. 406-07.

5. COLÉGIO Episcopal da Igreja Metodista, *Reflexões para mulher metodista* (São Paulo: Igreja Metodista).

Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Atualmente, esta região conta com aproximadamente 90 pastores e cerca de 9 pastoras ordenadas.

Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, os debates teológicos sobre a ordenação de mulheres, realizados na Alemanha, foram afirmativos. No artigo 51 do Regulamento de Ministério Pastoral da IECLB, encontram-se as seguintes palavras:

As disposições do presente regulamento aplicam-se aos pastores, às pastoras, aos obreiros em funções pastorais e a todos aqueles que assumirem funções pastorais, mesmo em caráter provisório na IECLB.<sup>6</sup>

Contudo, boa parte das denominações evangélicas do ou no Brasil, herdando o "pouco caso" dos grandes reformadores quanto à questão da mulher, está muito aquém do que se poderia esperar.

Uma abordagem mais honesta sobre a relação masculino-feminino, sob a perspectiva eclesial e ministerial, faz-se urgentemente necessária. Embora secularmente as mulheres tenham, até certo ponto, conquistado espaços mais amplos, e já tenha se tornado "senso comum" a aceitação, ao menos ideologicamente, dos direitos iguais para homens e mulheres, o mesmo não tem ocorrido com fluência em nossas igrejas. No âmbito eclesial, o processo se torna mais lento em função de já nos termos acostumado a aceitar uma série de interpretações bíblicas em relação à mulher e seu papel na igreja. O problema é que a teologia, enquanto produção humana, tem sido quase que monopolizada pelos homens, sendo, de forma eminente, forte expressão da perspectiva eclesial e ministerial masculina. O que ocorre em nossas igrejas é o que Juliet Mitchel, dentro de uma ótica secular, argutamente constata quanto à problemática da identidade da mulher:

"A maioria das mulheres ainda possui uma identidade reflexa, ou seja, vêem-se com os olhos dos homens; e, para complicar, toda ciência criada pelo homem vem a reforçar ainda mais esta identidade, que constitui o mal-estar profundo de todas as mulheres".

Nós ouvimos os homens falarem para as mulheres acerca do que é "bíblico". Além disso, o aceitamos como "Palavra de Deus" sem, muitas vezes, sequer questionarmos se é realmente isso o que a Palavra de Deus quer dizer. Em boa medida, a responsabilidade pela falta de equilíbrio na relação masculino-feminino, na vida de nossas igrejas, cabe às próprias mulheres, que se mostram omissas na reflexão teológica.

É também verdade que grande parte da compreensão que as mulheres têm a respeito do seu papel na igreja vem arraigada de preconceitos, onde o machismo assume a postura "sagrada" na palavra de muitos pastores. O que ocorre, em muitos casos, é que as mulheres introjetam estes conceitos e enfrentam sérias

---

6. Idem, *ibidem*, p. 408.

---

dificuldades em trabalhar certas questões com autonomia e desenvoltura. Jean Baker Miller observou:

O grupo dominante inevitavelmente tem a maior influência na determinação dos valores culturais: na filosofia, moralidade, teoria social e até na ciência. O grupo dominante legitima a relação desigual e a incorpora nos conceitos que guiam a sociedade. Os subordinados (mulheres) são perpetuamente encorajadas para desenvolver aquelas características prescritas para elas, e quando elas não o fazem, são consideradas não bem ajustadas.<sup>7</sup>

## 2 - ANÁLISES DE UMA CAMINHADA

Algumas denominações estão equacionando a questão da participação das mulheres na igreja. Por exemplo, se ela pode ou não ser ordenada...Embora quase num processo final, eu localizaria a própria denominação à qual pertencemos (Igreja Evangélica Holiness do Brasil) dentro deste grupo de igrejas. Estamos passando por um processo de questionamentos, e gostaria de me valer desta caminhada.

Na minha época de adolescência, ouvi que "liderar não é feminino". Presenciei, de forma indireta, a substituição de todas as mulheres que ocupavam cargos de liderança em certa igreja. Admiro-me, hoje, que ninguém, naquela época, tenha achado nada de estranho. Para ser "feminina" era preciso abafar qualquer tipo de manifestação que indicasse liderança.

Mais tarde, senti-me chamada ao ministério. Completei o curso de seminário, tendo escolhido deliberadamente o curso completo para formação de pastores, e não o curso de teologia com ênfase em educação religiosa (como era o esperado, no caso de mulheres). Depois de trabalhar quatro anos na companhia de meu pai (pastor da Igreja Holiness), recebi a nomeação para a Igreja Holiness de Belo Horizonte. Era "o primeiro obreiro" que a igreja recebia. De repente, porém, dei-me conta de que a liderança não tinha sido algo bem trabalhado na minha vida, e creio que também na vida das "meninas" daquela época. Receio que a liderança não esteja sendo bem trabalhada na vida das "meninas" de hoje...

A afirmação de que "liderar não é feminino" reflete, de forma acentuada, o processo de castração do feminino. Se alguma mulher tomar iniciativas de liderança pode correr o risco de ser considerada não feminina. Existe um processo de mutilação da mulher para que esta fique "no seu devido lugar", esperando e apreciando a performance masculina. Isto se introjeta de tal maneira nas mulheres que Colette Dowling o denominou "complexo de cinderela".<sup>8</sup> O que se espera de

---

7. Jean Baker MILLER, *Toward a new Psychology of woman* (Boston: Beacon Press, 1976), p. 87.

uma cinderela? Nada, a não ser que fique esperando o seu príncipe encantado, o qual deverá tirá-la da sua mísera situação, sendo a solução para todos os seus problemas e tensões. Ela, por si mesma, não pode modificar nada, precisa de um príncipe encantado para salvá-la. Esta atitude passiva, de "cinderela", é normalmente elogiada e respeitosa e classificada como feminina. Deste modo, a mulher sofre, em si mesma, um processo de castração da sua personalidade.

Numa reunião de esposas de pastores e de obreiras, a teoria de que a mulher foi feita para trabalhar "à sombra" do marido foi levantada, reforçando a idéia de que ela não deve "aparecer", mas trabalhar "na surdina". Chamou-me atenção o fato de que a própria pessoa que argumentava nestes termos chegou à conclusão de que, mesmo assim, a mulher ocupava um lugar deveras importante no ministério do marido, pois ele dependia 100% dela. Na leitura que faço, ao mesmo tempo que este pensamento coloca a mulher num segundo plano, sem ter direito à identidade própria, compensa de forma "onipotente" esta fraqueza: o ministério do marido depende 100% da sua esposa.

Numa conversa que teve lugar em um retiro de pastores, no qual a temática era a questão da identidade profissional feminina no ministério, esteve em pauta a abordagem sobre a ordenação de mulheres. A palavra "auxiliadora" foi usada para mostrar que a mulher foi feita para ser auxiliar, não para assumir o pastorado. A partir desta interpretação da palavra "auxiliadora", muitas mulheres adquiriram a compreensão, ou foram treinadas para assim pensarem, de que a mulher não deve assumir coisa alguma por si mesma, mas deve ser auxiliar do marido, sua sombra, a mulher que está sempre "atrás de um grande homem". O que ocorre, na prática de minha denominação, é que o papel da mulher que se consagra ao ministério se resume em ser auxiliadora do pastor, especialmente se ela é casada com um pastor. Em termos de ministério específico, a mulher não possui identidade profissional própria.

A inconsistência do argumento se torna mais nítida quando colocamos a palavra "auxiliadora" no contexto de profissões seculares. Por exemplo: se uma mulher se casa com um médico, ela terá que automaticamente ser atendente de enfermagem ou algo parecido, para se encaixar no seu papel de auxiliadora? Será que uma mulher que se casa com um engenheiro civil precisa ser automaticamente uma espécie de desenhista-projetista, para ser auxiliadora de seu marido? É evidente que não! Mas, na vida das esposas de pastores, temos entendido assim: as esposas dos pastores devem ser suas auxiliadoras, assumindo, então, o papel de um sub-pastor, ou, como já foi dito, de sombra do pastor.

O termo "auxiliadora" deve ser entendido no sentido de como uma mulher é para um homem. Isto não implica, necessariamente, numa auxiliar em sentido profissional. Ela pode muito bem ser médica, e casar com um médico sem deixar

---

8. Cf. Colette DOWLING, *Complexo de cinderela* (São Paulo: Melhoramentos, 1981).

---

de ser a sua auxiliadora idônea. Sustento a idéia de que uma mulher pode assumir o pastorado e, nem por isto, deixar de ser a auxiliadora idônea de seu marido. A palavra "auxiliar" é, por demasiadas vezes, usada para colocar a mulher em posição inferior ao homem, como uma servente de segunda categoria. Mary Evans recolheu a informação de que a palavra que expressa a idéia de auxiliar, ajudar, é usada 19 vezes no Antigo Testamento. Por 15 vezes é usada para designar a relação de Deus em auxílio, em ajuda a seu povo necessitado. Com isto, pode-se concluir que, em si mesma, a palavra que expressa esta idéia não traz o significado de inferioridade ou subordinação, uma vez que Deus mesmo auxiliou inúmeras vezes o seu povo, sem que isto o tenha rebaixado ou inferiorizado.

Ainda, num outro diálogo, onde a pauta era a questão do ministério da mulher (a possibilidade de ordenação; a possibilidade da mulher, mesmo depois de casada, estar efetivamente exercendo seu ministério), um pastor usou o argumento de que, depois do casamento, a prioridade da mulher era a família. Naquela ocasião, este argumento me inquietou. Depois, ajudou-me a refletir: quando o homem casa, a sua prioridade não é também a família? Ora, tanto para a esposa como para o marido a família deve ocupar um espaço de fundamental significação. Mas, por que esta "prioridade" não abafou os anseios profissionais do marido, e, necessariamente, tem que sufocar a realização profissional da mulher? Seria interessante uma "prioridade" que também desse direitos para a mulher servir, empregando seus dons em espaços mais amplos do que sua cozinha e seu lar.

Muitos de nós temos o ser esposa e mãe como o limite da virtuosidade feminina, e demonstramos certa preocupação com mulheres que, além da família, querem exercer alguma coisa mais. Logo argumentamos que, assim, elas estariam abandonando a educação de seus filhos. Não posso compreender como esta imagem idealizada de mãe, esposa que renuncia tudo de sua vida e de suas aspirações (inclusive sua própria realização e felicidade, em troca da dedicação exclusiva a sua família), seja mais "espiritual" do que a atitude de quem, além da família, queira servir especificamente em outra área que ultrapasse o seu lar. A Dra. Roberta Hestenes descreve sua experiência pessoal:

As pessoas têm, de fato, diferentes níveis de energias e dons, e você não se modela segundo nenhuma outra pessoa. Você fica atenta ao que Cristo lhe diz para fazer. Eu fui abençoada com filhos saudáveis, que precisavam de boa atenção paterna e materna, mas não exigiram cuidados excepcionais. Fiquei em casa com o meu primeiro filho, porque minhas amigas tradicionais me disseram que "ter um bebê, enquanto se está fora, deixa-lhe sem nenhum tempo ou energia". E descobri que isto era verdadeiro em certa medida, mas não totalmente verdadeiro. Eu ainda tinha tempo e energia, com o que pude me dedicar à causa de Cristo, e pude me sentir fortalecida na minha dedicação de atenção a meus filhos com o trabalho que estava fazendo na igreja. Creio que devemos ser cuidadosos aqui para não colocar

qualquer mulher, seja tradicional ou não, numa caixa. É Deus quem chama.<sup>9</sup>

Ouvi repetidas vezes que "mulher na liderança só dá problemas e descamba para heresias". Mas, é curioso observar que, na história da igreja, existiram muitos líderes homens que incorreram em heresias. Não é pelo fato de ser mulher que ela está mais próxima do erro, como sustentam alguns. O sangue de Cristo tem poder para redimir e completar a obra da salvação tanto nos homens como nas mulheres. O Espírito Santo é também suficientemente capaz de distribuir dons na "ala" feminina.

Na minha denominação, as mulheres que se consagram ao ministério são chamadas de "obreiras". O próprio nome "obreira", em contraste com o termo "pastor", já indica uma não-identidade. Na verdade (não sei se o superamos, penso que ainda não), por um bom tempo a Junta Administrativa da Igreja Holiness não sabia exatamente como lidar com as obreiras. Por outro lado, as próprias obreiras também não sabiam definir exatamente o que estava faltando (se é que algo faltava, na opinião delas).

É verdade que não temos tido dificuldade em aceitar seminaristas mulheres. Mas, um dos principais questionamentos que eu tinha era: por que os homens e as mulheres, enquanto seminaristas, estudantes, localizam-se no mesmo nível, e, após alguns anos de ministério, de experiências no campo de trabalho, o desnível de crescimento entre um obreiro homem e uma obreira mulher, quanto à articulação e formação de opiniões próprias, liderança, experiências pastorais, era tão nítido?

Os pastores recém formados assumiam o pastorado de suas igrejas, e, bem ou mal, tinham todo espaço para crescerem profissionalmente, podendo aperfeiçoar o dom recebido por Deus. Portanto, os homens já têm um caminho traçado. É óbvio que as igrejas que os recebem esperam que eles assumam a liderança, que eles sejam "pastores".

O caminho das mulheres ainda não está definido desta maneira. Ninguém questiona um jovem pastor, que pede sua ordenação, quanto ao porquê de estar fazendo isto. Nem mesmo interpreta isto como algo que possa indicar presunção de sua parte (afinal, este é o caminho natural...). Mas, quando uma obreira começa a pensar sobre a possibilidade de ordenação há um caminho maior a ser percorrido. Algumas pressões acontecem naturalmente: a Igreja Holiness do Japão ordena mulheres, mas, apenas as de "mais idade" (pensei comigo mesma: "espero não precisar ficar tão velha para ser ordenada").

Em outro momento, alguém me dizia que "fulana" é pastora; mas, também, "ela era o que era" (como se dissesse: "só as que são mais brilhantes é que podem"). A partir disto, refleti: eu não me considero tão brilhante assim, mas, gostaria que

---

9. Roberta HESTENS, *Novos padrões: Perguntas e respostas* (manuscrito), p. 10.

---

as mulheres pudessem ter o mesmo direito de aprender, inclusive através dos próprios erros. Não é justo exigir uma "super-performance" feminina para que esta seja aceita no quadro de pastoras. É preciso dar as mesmas oportunidades de crescimento, e, além disso, margem às "cabeçadas".

Teve início um diálogo entre um grupo de mulheres e a Junta Administrativa da Igreja Holiness. O importante foi ter havido espaço para o diálogo com a liderança da denominação (aliás, totalmente masculina). A discussão em torno da ordenação de mulheres foi amadurecendo. Depois do primeiro pedido formal, feito pela diretoria de uma igreja, a Junta Administrativa se pronunciou a favor:

(...) A Junta Administrativa optou, nesta questão, não fazer distinção de sexo. Se para obreiros homens foram solicitadas oportunidades de preparo para ordenação, e tem havido resposta afirmativa, as obreiras, caso houvesse solicitação, deveriam ter pelo menos a mesma atenção.<sup>10</sup>

Uma parte significativa das denominações evangélicas de nosso país ainda não despertou para a questão. Caio Fábio D'Araújo Filho escreveu:

(...) boa parte dos problemas que se relacionam à mulher, dentro da igreja, reside no fato de que os homens não atribuem idoneidade à mulher. Interessante é que, para muitos, a mulher é idônea para preparar cafezinho, para carregar mesa, para cozinhar bem; idônea para satisfazer sexualmente o homem, para ter e educar filhos, para agüentar as pancadas da vida; mas, não é idônea para articular um discurso legal, não é idônea para dizer nada que tenha a perspectiva formal de uma compreensão adulta, e que equilibra a decisão e à palavra do macho.<sup>11</sup>

Difícilmente encontramos presbíteras ou diaconisas, ou mesmo mulheres, fazendo parte ativa nas reuniões de diretoria de uma comunidade, a não ser que seja a convencional "secretária" da reunião. Em casos mais extremos, sequer se encontram mulheres dirigindo cultos que não sejam os específicos das senhoras. Faz-se necessário refletir, numa comunidade onde metade ou mais dos membros são mulheres, por que há diretorias e assembléias onde a maioria (muitas vezes absoluta) dos que decidem são homens?

Sem dúvida, ainda temos que caminhar muito para que o auxílio idôneo das mulheres, no que diz respeito a decisões, posicionamentos, funções de responsabilidade, avaliação de fatos e planejamentos, seja sentido de forma mais direta

---

10. Key Yuasa, *Cartas e papéis da presidência (Gestão 1985-88 e 1989-91 da Igreja Holiness)*, p. 79.

11. Caio Fábio D'ARAÚJO Filho, *A mulher no projeto do reino de Deus (Belo Horizonte: Vinde, 1990. 4. ed.)*, p. 33.



nas igrejas brasileiras.

### 3 - ALGUNS PASSOS A MAIS...

Com o caminho aberto para a ordenação de mulheres na Igreja Metodista, desde 1970-71, poderíamos ingenuamente pensar que tudo está, então, resolvido. Na verdade, existir a possibilidade de ordenar mulheres é uma etapa. Mas, a busca pelo equilíbrio na relação masculino-feminino continua. Selecionei alguns trechos da **Reflexão para mulher metodista**:

Esta reflexão sobre "a mulher" é fruto de diversas preocupações relacionadas com o elemento feminino em nosso meio: ausência de uma literatura de tonalidade cristã, em linguagem popular e objetiva, abordando sua condição de pessoa humana, sua posição na família, na igreja e na sociedade; o equívoco que se difunde, defendendo biblicamente a orientação patriarcal; a falsa idéia de que a mulher é menos capaz do que o homem(...)

(...)É ponto pacífico verificar que sua contribuição tem sido positiva, mas sem expressão. Porém, esta participação inexpressiva só denuncia a falta de oportunidades oferecidas a ela e a discriminação da qual é vítima todos os dias. A memória masculina, condicionada pela tradição patriarcal, ofusca sua lembrança, impedindo-a de perceber que as mulheres representam a metade da humanidade(...)<sup>12</sup>

(...)A nomeação de uma pastora para uma igreja, em alguns casos, constitui motivo de insatisfação. Esta, na maioria das vezes, não aparece abertamente declarada, mas, revela-se disfarçadamente, através de atitudes articuladas, entavando e dificultando o trabalho pastoral da obreira. Ouvia-se, certa vez, em um grupo de conversa, depois do culto, a seguinte declaração: prefere-se um pastor, embora medíocre e sem condições criativas, a uma pastora, mesmo que ela tenha melhores condições e desempenhe de modo mais produtivo a tarefa pastoral.<sup>13</sup>

(...)Assim, o espaço feminino de ocupar seu próprio lugar permanece no mesmo nível de rejeição. Em nossas igrejas e congregações ocorre um isolamento meio velado quanto ao sacerdócio feminino.<sup>14</sup>

Talvez pelo fato de a Igreja Metodista já estar mais adiantada nesta caminhada, em comparação a outras denominações, ela pode se mostrar mais sensível à pressão que sofre a mulher que deseja servir ao Senhor, dentro da igreja.

---

12. Op. cit., p. 3.

13. Op. cit., p. 15.

14. Op. cit., p. 29.

---

O. Eldred escolheu o título *If God calls, why not the church?* (Se Deus chama, por que não a igreja?) para sua contribuição quanto ao assunto "mulheres pastoras". No sistema episcopal, onde a nomeação é feita de cima para baixo, o caso de algumas pastoras são ainda "contornáveis"; mas, a questão da aceitação do ministério feminino fica mais evidente num sistema congregacional, no qual as igrejas é que escolhem seus pastores. É comum que comissões, formadas na igreja local para a escolha de novos obreiros, sejam compostas por uma maioria masculina. Muitos dos que compõem estas comissões nunca pensaram na possibilidade de seu próximo "pastor" ser uma "pastora". Eldred argumenta, com razão, que, na realidade, com igual treinamento a mulher pode ser tão competente quanto o seu companheiro pastor.<sup>15</sup> Portanto, quanto mais utilizado o dom mais ele se aperfeiçoa. O mesmo autor observa que o que falta, fundamentalmente, para as mulheres, são maiores chances para que possam desenvolver o seu dom de pregar. É bastante comum que, quando junto a uma equipe de seminaristas se vai a uma igreja, esta concede a palavra para o seminarista homem, é ele quem tem a oportunidade de pregar. Enquanto isso, quando à seminarista é concedida a palavra é para "dar um testemunho".

Eldred cita também o exemplo de Priscila, a qual, depois de servir por vários anos sua pequena igreja, desejou uma nova situação. No ministério que exercia, Priscila se mostrava excelente pregadora e professora, pastora cuidadosa e competente conselheira. Após alguns meses, advogando com as pessoas do "staff" de sua denominação, conseguiu ser entrevistada por sete igrejas. Entretanto, todas as sete decidiram contra ela. Finalmente, sua oitava entrevista resultou em ser chamada para servir como pastora. Este, agora, é o seu trabalho. Quanto à mulher como ministra, os membros desta igreja replicaram: "por que não?". Parece ser uma resposta um tanto fora do comum, mas o fato é que aquela congregação tinha tido experiências anteriores positivas com a atividade de mulheres ministras. Aquele comitê sabia que as mulheres ministras têm competência para realizarem o seu trabalho. Ao terem entrevistado Priscila, o ponto central não foi o fato de ser ou não mulher, mas sim, se ela possuía o talento, a habilidade que convinha àquela paróquia.<sup>16</sup>

Quero terminar com duas citações:

Há um imenso horizonte para o ministério da mulher na igreja e fora dela. Mas, esse ministério só terá vez se a liderança masculina "desmachificar" a eclesiologia, bem como expurgá-la de elementos da "cultura antiga", que nada têm a ver com a verdadeira perspectiva bíblica do papel e do espaço

---

15. Cf. O. John ELDRED. *Women pastor: If God calls, why not the church?* (Valley Forge: Hudson Press, 1981).

16. Idem, *ibidem*, p. 42.

da mulher na sociedade.<sup>17</sup>

A participação da mulher, entretanto, pressupõe a conversão e a santificação da igreja patriarcal, transformando-a em uma comunidade de discípulos. As mulheres são também a igreja, e também são chamadas e eleitas de Deus. Elas sempre têm ouvido e atendido ao chamado divino. Aproxima-se o momento em que ambos, em comunhão, ouvirão o chamado e juntos responderão: "Eis-nos aqui, Senhor, envia-nos para teu serviço".<sup>18</sup>

---

17. Caio Fábio D'ARAÚJO Filho, *op. cit.*, p. 64.

18. COLÉGIO Episcopal da Igreja Metodista, *op. cit.*, p. 17.